

Notas sobre a questão da guerra

Paul Mattick

Publicado em: International Council Correspondence, Vol. II (1935-1936), No 2 (Januari 1936)

<http://www.aap.be/Pdf/International-Council-Correspondence/International-Council-Correspondence-2-02a.pdf>

O problema da guerra, que há muito tempo tem sido objeto de tanta discussão, tornou-se uma questão concreta do dia a dia por meio dos procedimentos na Etiópia. A enorme importância dessa guerra reside no fato de que ela ilumina como um relâmpago as rivalidades imperialistas gerais e aponta para a inevitabilidade de um novo massacre mundial. Nenhuma pessoa pensante acredita seriamente hoje que a guerra pela redistribuição das ações de lucro possa ser adiada por muito tempo, e as várias nações estão conscientemente se preparando para esse conflito. O que a burguesia e os vários grupos de interesses capitalistas têm a dizer ou ocultar sobre a situação da guerra, nós ficamos sabendo por meio de sua imprensa; o que eles estão fazendo para que a guerra os encontre preparados é indicado por suas manobras de armamento e sua "diplomacia". A única coisa que nos interessa aqui é a posição a ser adotada pelos trabalhadores revolucionários em relação à questão da guerra. Primeiro, caso a guerra africana permaneça localizada ou seja encerrada por meio de entendimentos imperialistas antes do início da guerra mundial; e, em segundo lugar, qual será a posição deles caso a aventura africana se transforme em uma nova guerra mundial. O critério para a posição adotada por nós são os interesses de classe internacionais reais do proletariado. Não temos nenhum desejo de defender o regime feudalista na Abissínia, nem de justificar a Itália fascista, nem de nos identificarmos com os interesses imperialistas da Inglaterra; nem de nos limitarmos, por falta de algo mais a dizer, aos problemas da luta de classes nos Estados Unidos; nem através da "manutenção da paz mundial" para preservar a Rússia capitalista de Estado de uma convulsão; nem de nos aliarmos à política de aliança da França contra a Alemanha (ou o contrário). Nosso ponto de vista apresenta apenas uma pergunta: o que a classe trabalhadora deve, pode e vai fazer?

A guerra - seja a guerra na África ou a guerra mundial que se aproxima - não tem outro significado imediato para os trabalhadores a não ser o fato de que uma parte deles será morta da maneira mais revoltante e que, como classe, na medida em que não forem massacrados, ficarão imensamente empobrecidos. Do ponto de vista da classe trabalhadora, a guerra, que traz morte e miséria para os trabalhadores, não pode ser bem-vinda. Mas as massas trabalhadoras preponderantes não têm hoje nenhum ponto de vista de classe próprio; elas estão sob o domínio da ideologia burguesa e seguem os movimentos de seus mestres, dispostos ou não a sofrer e morrer por eles.

Nosso ponto de vista não é o das massas trabalhadoras, mas de uma pequena parte de seus elementos mais ou menos conscientes de classe. No entanto, não condenamos a classe trabalhadora por causa da circunstância de que ela está novamente se preparando em escala internacional para ser subjugada em milhões pelo capital. Sabemos que as ideias de uma época são sempre as da classe dominante, e conhecemos as bases objetivas e subjetivas que, no momento, reprimem a natureza revolucionária do proletariado e que fazem com que ele continue a guerrear pelo capital, assim como também trabalha para o capital.

As causas da falta de maturidade revolucionária do proletariado não nos interessam neste momento; fazemos essas afirmações apenas para chegar à conclusão de que a classe trabalhadora internacional não conseguirá, em *um futuro próximo*, por meio de reviravoltas revolucionárias, pôr fim ao capitalismo e às suas guerras. Nesse caso, não resta ao proletariado nada além de seguir a política capitalista; ele tem de decidir por este ou aquele grupo de interesses capitalistas e lutar por eles.

O que o proletariado teria de fazer em seu próprio interesse - ou seja, impedir a guerra - só é possível por meio do abandono revolucionário do capitalismo. Ainda assim, a improbabilidade de uma revolução antes da guerra que se aproxima já torna a guerra certa; e se o proletariado participar da guerra, ele não o fará com uma ideologia especial, mas com a de sua burguesia. Em tais circunstâncias, a grande massa dos trabalhadores, sem dúvida, assim como a burguesia, se alinhará contra os revolucionistas, e para estes últimos não haverá, por um tempo, outra possibilidade de trabalho além da que existe sob o atual fascismo alemão: o treinamento e a seleção mais cuidadosa dos próprios revolucionários, o aumento cauteloso de seu número e o esforço para mantê-los vivos durante o "tempo morto" (do ponto de vista revolucionário), até que a guerra tenha se esgotado e tenha criado a maturidade subjetiva para a revolução. Pois se a produção capitalista tem um caráter revolucionário, também tem sua fase destrutiva. Se,

no curso de seu desenvolvimento, o capital forma a maior força produtiva, o proletariado, que é obrigado a destruir as relações capitalistas para se consumir, - assim, na guerra, ele forma, sob as condições atuais, uma situação que, vista de qualquer ponto de vista, só pode resultar na revolução proletária.

Embora a última guerra tenha levado quase à porta da revolução mundial, essa porta, sem dúvida, será aberta pela nova guerra mundial. Pois, assim como o capital é incapaz de controlar a produção, que se volta contra ele, ele é igualmente incapaz de manter a destruição em formas e caminhos que ofereçam a possibilidade de qualquer desvio desejado para situações "normais". A magnitude e a virulência da guerra que se aproxima impedem seu controle por meio do capital. Como na crise, assim também na guerra, o capitalismo nada impotente em um mar de problemas, o que é apenas outra confirmação do fato de que ele está historicamente superado.

Do ponto de vista revolucionário, a guerra acelera o advento de uma situação verdadeiramente revolucionária, e todas as forças terão de ser adequadamente direcionadas para esse fator. Em tempos não revolucionários, não é necessário, por causa de uma ou outra fantasia idealista tola, esbanjar-se sem propósito, mas ajustar sua tática e sua vontade à luta final, que será encontrada no rastro da guerra.

O capital não persegue objetivos sociais; hoje não há "vontade social", mas apenas esforços e grupos de interesses particulares. O capital se desenvolve por meio do acirramento dos conflitos de interesses. Se o número desses conflitos diminui por meio da concentração, eles se tornam correspondentemente mais severos e desintegradores. Quanto mais se desenvolvem as condições para uma direção social sistemática da economia do ponto de vista técnico e organizacional, mais essa possibilidade é excluída em razão das relações econômicas persistentes da sociedade atual. Se a economia não pode ser organizada de forma planejada nem mesmo dentro da estrutura de uma única nação, nem se pode introduzir qualquer distribuição pacificamente regulada das participações nos lucros, isso é ainda mais completamente excluído no campo internacional. As reorganizações necessárias, forçadas em razão da contradição cada vez mais aguda entre as forças produtivas crescentes e a ordem de lucro persistente (para não abolir a última), só podem ser realizadas por meio da violência. Se o processo de concentração do capital e a crise são meios para a reorganização "extra-humana" da economia do lucro - uma reorganização determinada pelo fetichismo da mercadoria -, a guerra também não tem outro significado. Uma guerra capitalista, entretanto, não é sempre a mesma guerra capitalista. Se o problema capitalista é a criação de mais-valia

adicional, então uma guerra que aumente a lucratividade do capital pode significar uma saída para as dificuldades capitalistas e fornecer o impulso para um avanço acelerado. A guerra seria, nesse caso, um meio de acelerar a acumulação e seria seguida não por um levante revolucionário, mas possivelmente por uma recuperação geral. O fato de que a guerra sempre enriquece apenas alguns e empobrece as massas em todas as circunstâncias não é uma característica particular da guerra, mas a tendência geral do desenvolvimento capitalista. A guerra em si não cria, mas destrói o lucro. No entanto, ela pode levar à abertura de novas fontes de lucro que não apenas compensam a perda temporária, mas a convertem em ganho. A guerra, nesse caso, é um acelerador de um movimento que, de outra forma, seria mais lento. Se a guerra pode acelerar a acumulação, ainda em um estágio mais elevado de acumulação ela é necessariamente obrigada a desacelerar essa acumulação ou, quando ela estiver paralisada, dificultar ainda mais sua retomada. Se a acumulação acelerada leva à superacumulação e, portanto, à sua paralisação, ela também leva a uma situação em que a guerra deve se tornar um obstáculo para uma maior acumulação; uma situação em que a guerra, em vez de revelar novas fontes de lucro, pode continuar a ser conduzida apenas para reorganizar a distribuição do lucro conquistado e determinado internacionalmente. Não se trata, então, de aumentar o lucro e, portanto, de superar a crise, mas de alterar a distribuição do lucro, em cujo contexto as despesas desse processo de distribuição, os custos da guerra, devem ser considerados como uma perda pura, que dificulta as dificuldades do capital.

A concentração de capital é, do ponto de vista capitalista, progressiva somente se houver um crescimento simultâneo do capital. A concentração sem crescimento é apenas um aumento acelerado das contradições e dificuldades capitalistas. O caráter da crise atual, como apontamos (Council Correspondence, Vol 1, #2)¹ não é de molde a permitir que se veja na próxima guerra mundial um meio de superar a crise.

A guerra só pode aprofundar a crise até o ponto em que a revolução proletária deve ser liberada. Mas mesmo que a guerra não possa ser considerada um meio de superar a crise, ainda assim, capitalisticamente, não há possibilidade de impedir a guerra. Se os lucros não puderem mais ser aumentados para atender às necessidades adicionais de acumulação, não restará ao capital outra atividade a não ser a luta competitiva mais acirrada pela massa de lucros reduzida ou estagnada. Quanto mais a crise se prolonga,

¹ Mattick está indicando o artigo "A Crise Permanente", traduzido e publicado no Crítica Desapiedada. Cf.: <https://criticadesapiedada.com.br/a-crise-permanente-paul-mattick/> [Nota do CD]

mais a guerra se aproxima. Embora a guerra provavelmente signifique o início do fim do capitalismo, ao mesmo tempo ela é a única saída para o capital, que só pode viver enquanto destruir. A natureza paradoxal dessa situação se baseia na contradição capitalista entre valor de troca e valor de uso, no fato de que o capital precisa exercer a produção e a destruição ao mesmo tempo para poder existir. Isso também é ilustrado pelo aumento da riqueza da sociedade com lucros simultaneamente decrescentes, pela fome dos seres humanos em meio a produtos supérfluos etc.

Dissemos que, se o proletariado não puder conduzir uma política independente e se não conseguir fazê-lo, ele só poderá se apresentar como um apêndice da burguesia, com os interesses dos quais é obrigado a se conformar. O conflito africano é um exemplo desse fato. A massa dos trabalhadores italianos ainda está do lado de Mussolini, assim como a massa dos trabalhadores alemães ainda está atrás de Hitler (a indiferença equivale a apoiar a burguesia) e a massa dos trabalhadores ingleses se identifica com os interesses de sua burguesia. Até mesmo a política do "movimento trabalhista oficial" é um mero reflexo das necessidades capitalistas. A Segunda Internacional se identificou com as medidas e os planos imperialistas da Inglaterra contra a Itália. A política de "sanções", o apoio à Liga das Nações, até mesmo a greve dos transportes, que não passou de uma frase, ou a petição para o fechamento do Canal de Suez - tudo o que foi recomendado contra os promotores da guerra por parte do movimento trabalhista foram recomendações no interesse do imperialismo inglês. E se a Segunda Internacional saiu em defesa do imperialismo inglês, o imperialismo inglês, por sua vez, saiu em defesa do movimento trabalhista em sua luta contra o "fascismo", que ele atacou como "incitador de guerras". Vivemos em um mundo engraçado. Tanto a Segunda Internacional quanto o imperialismo inglês, naturalmente, querem manter a paz, que mantém os privilégios do imperialismo inglês, mas os programas escolhidos para esse fim são praticamente declarações de guerra. A Segunda Internacional é a favor da "paz" inglesa e, portanto, da guerra *inglesa*.

Os reformistas franceses foram mais cautelosos em suas exigências de sanções; os interesses dos ingleses não são idênticos aos da França. O apoio da França à política inglesa é involuntário. A política da Segunda Internacional com relação à situação de guerra é uma repetição de sua posição durante a guerra anterior: ela está levando as massas à miséria no interesse da burguesia.

A posição da Terceira Internacional, idêntica à atitude da Rússia em relação à guerra, é exteriormente um grito tolo pela paz. Sobre a situação da África, ela mal se aventura a

tomar uma posição. Radek escreve no "Rundschau" (nº 57): "Em todo o mundo, os trabalhadores estão *acompanhando* essa guerra e *desejam* para as massas abissínicas não apenas que elas não fiquem sob nenhum jugo colonial, mas também que, nesse grande teste histórico, elas rompam as correntes do feudalismo e da escravidão em casa". Mas até mesmo esse *desejo* piedoso da Terceira Internacional no interesse da independência da Abissínia chegou um pouco tarde, já que a Rússia, assim como a França, não deseja ofender a Itália se isso puder ser evitado de alguma forma. Foi somente quando seu aliado francês, considerando que o momento da guerra mundial ainda não havia chegado, fez concessões intermediárias à Inglaterra, que a Rússia também se viu em uma posição em que se tornou aconselhável emitir alguns protestos fracos contra as agressões da Itália, sem, no entanto, por essa razão, impor quaisquer restrições ao fornecimento à Itália das matérias-primas necessárias para fins de guerra.

Se, na opinião da Terceira Internacional, os trabalhadores devem meramente "acompanhar" a guerra e, em seus corações, desejar sorte aos abissínicos, isso é uma prova para os trostkistas de que Stalin traiu mais uma vez o leninismo, pois Lênin era, obviamente, a favor do apoio incondicional a todos os movimentos nacionais e povos reprimidos. Assim, os "leninistas incorruptos" escrevem em "The New International" (outubro de 1935), sem perceber o quão ridículos eles se tornam: "A posição de neutralidade do proletariado revolucionário internacional é descartada com um aceno de mão: se é verdade que o proletariado revolucionário é a favor da derrota da Itália, quando não é neutro, então é a favor da vitória da Etiópia. Se ele deseja a vitória da Etiópia, então deve ajudar a produzi-la. Isso significa que ela não permanece "neutra", mas que intervém ativamente *pela* Etiópia". De acordo com essa concepção, os revolucionários mais consistentes seriam aqueles que deveriam se juntar ao exército de Haile Selassie e lutar por ele. Como, no entanto, a viagem à África custa dinheiro, é preciso limitar-se a algumas frases que não machucam ninguém. Aqui estão as exigências concretas dos 200% de leninistas: "Impedir o transporte de tropas e o fornecimento de armas e munições para a Itália; apoiar o fornecimento de armas para a Etiópia; propaganda inequívoca, barulhenta e destemida da justiça da guerra do ponto de vista etíope", etc. Nunca ocorre a essas pessoas que toda a questão da "neutralidade" do proletariado, tão calorosamente rejeitada, não é questão alguma. Ou o proletariado luta com sua burguesia na guerra da burguesia, ou então faz a revolução. Essas são as duas únicas possibilidades, e a possibilidade de uma atitude "neutra" por parte do proletariado não existe. Portanto, essas pessoas estão apenas se inclinando em suas

próprias fantasias. Como papagaios, eles repetem frases leninistas que foram reveladas como bobagens mesmo durante a última guerra. No atual ambiente imperialista, não há mais guerras de libertação nacional. Não faltou muita coisa durante a última guerra, e a Etiópia teria entrado por uma questão de interesse próprio. Ela estava pronta para participar do conflito imperialista a fim de lucrar com ele. A condição feudal do país não impede que ele se envolva em uma política imperialista. Somente a falta de unidade interna impediu, naquela época, a participação da Etiópia na guerra mundial imperialista, como hoje faz da luta pela "libertação nacional" ou "independência" uma frase tola. A Etiópia não é, de forma alguma, uma formação unificada que pega em armas por sua independência nacional, mas sim um país perturbado por lutas de grupos e interesses; algumas partes estão prontas para fazer causa comum com a Itália, enquanto outras preferem continuar explorando seus escravos pela graça da Inglaterra. Na Etiópia, há "nações reprimidas" que se alinham contra Haile Selassie, assim como Selassie se alinha contra a Itália. Então, por que não ir ainda mais longe e levar o direito de autodeterminação para a própria Etiópia, sabotar o exército etíope e armar as tribos reprimidas? Independentemente do zelo com que se defenda a independência da Etiópia, esse "princípio leninista" sempre permanecerá idêntico ao apoio aos interesses imperialistas da Inglaterra. Já é hora de jogar fora esse ponto mais tolo do leninismo e aprender a perceber que, no campo internacional, só restam duas alternativas hoje: ou a política imperialista ou a política da classe trabalhadora.

Até o momento, o conflito abissínio permaneceu localizado porque as frentes da próxima guerra mundial ainda não foram traçadas com clareza suficiente. Não vemos utilidade em considerar aqui a questão de quando e com quais combinações de potências a próxima guerra ocorrerá e qual dessas combinações terá as melhores perspectivas. Não há nenhum país imperialista que tenha interesses imperialistas inequívocos e direcionados da mesma forma; se apenas com o desenvolvimento da exportação de capital, novas oposições de interesses tomaram forma tanto no plano internacional quanto no nacional, oposições pelas quais o país e o mundo são divididos em grupos, alguns dos quais ganham com a paz e outros lucram com a guerra. Na verdade, o fascismo alemão também está sendo dirigido contra o capital, ou seja, contra os círculos capitalistas que não conseguem se identificar completamente com os interesses dos imperialistas alemães. O fascismo alemão, assim como o italiano, antecipou o que teve de esperar até a eclosão da última guerra para ser criado: a coordenação da economia de guerra que passou pela subordinação ditatorial de todos os

interesses capitalistas separados sob os interesses imperialistas mais fortes, e que Lênin celebrou como capitalista de estado e pressuposto para o socialismo. O fascismo, portanto, não é apenas uma expressão da concentração monopolista da política econômica, da subordinação completa dos trabalhadores às necessidades de lucro do capital, mas também uma medida de guerra para os novos conflitos imperialistas. A falta de maturidade objetiva da situação de guerra foi ilustrada pela política japonesa em relação à China, uma política que não encontrou oposição real entre as outras potências interessadas. O rearmamento da Alemanha e o rompimento do tratado de Versalhes mostraram mais uma vez que uma nova guerra mundial exige primeiro uma reorientação dos vários imperialismos. O isolamento da guerra na África apenas aponta para o fato de que esse reagrupamento dos interesses imperialistas ainda não foi concluído. Até o momento, a guerra na África deu um novo impulso apenas à diplomacia, ao processo de esclarecimento, e apenas nesse sentido, se estiver ligada à próxima guerra mundial.

A contenção por parte da Inglaterra deve ser entendida apenas como uma preparação para a guerra, assim como a "neutralidade" da Alemanha é idêntica ao seu rearmamento e a vacilação da França deve ser explicada pela falta de preparo militar da Alemanha. Um grande número de surpresas ainda é possível antes do início da guerra mundial. Ainda não se pode prever quais grupos de potências se oporão a outros grupos. A única coisa que está clara é que as rivalidades de grande magnitude, como a que existe entre a Inglaterra e os Estados Unidos, ajudarão a determinar as dos outros países, e que as rivalidades menores só podem se desenvolver dentro da estrutura das grandes. Se o imperialismo japonês funciona quase exclusivamente com base na oposição anglo-americana, a política da aliança europeia também está ajustada a essa oposição. Seja qual for a maneira específica em que as potências se alinhem (voltaremos a esse ponto em um artigo especial), o processo de formação pode durar alguns anos, mas também pode ser decidido de repente. A guerra é possível amanhã, mas também pode ser adiada por mais alguns anos. Sob o ponto de vista da classe, o proletariado deve responder à guerra com a revolução. Nenhuma outra resposta é possível. Assim como ele só pode se salvar por meio da derrubada do capital, ele deve se esforçar até hoje para garantir sua própria vida e deve lutar contra o capital por seus interesses materiais. O aprimoramento da luta de classes na paz e na guerra é sempre a palavra de ordem correta. No que diz respeito à atual guerra na África, ela não apresenta nenhum problema especial. O proletariado só pode defender a si mesmo e, com isso, defender a

humanidade. Ele não pode se manifestar pela "independência da Etiópia". Os povos atrasados lutam, *quando lutam*, pelo desenvolvimento de seu capitalismo nacional, porque nada mais é possível. Não pode ser tarefa do proletariado lutar por novas nações capitalistas contra as antigas; ele precisa derrubar o capitalismo mundial. O proletariado não tem uma palavra para a Etiópia, pois a Etiópia ainda não tem proletariado. Mas o proletariado tem uma palavra para a Itália e para todos os outros países capitalistas: a derrubada do capitalismo mundial e, com isso, o fim do imperialismo. Com o fim do capitalismo mundial, ao mesmo tempo, é retirada a possibilidade de capitalizar os países atrasados. Por mais complicada que a questão colonial possa parecer dentro da estrutura do capitalismo, a posição do proletariado deve se limitar à fórmula mais simples: salvaguardar os interesses de classe do proletariado, e *nada mais*.